

O ESTÁGIO COMO ELO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Carlos Cardoso Silva¹

Comunicação Oral²

Resumo: O propósito deste texto é discutir a importância do estágio como elo entre a teoria e a prática no processo de formação docente, evitando a concepção dominante que segmenta o trabalho em dois polos distintos para futuras aplicações no campo de atuação docente como se fosse possível uma visão aplicacionista da teoria e uma visão ativista da prática. Aponta alguns limites da prática pedagógica e apresenta possibilidades de alteração da realidade dominante que separa teoria e prática no interior da escola que criam insatisfações e limitam as possibilidades de uma ação efetiva no processo de estágio para a formação docente.

Palavras-chave: Estágio – teoria/prática – formação docente.

Introdução

No processo de formação de professores o estágio é um componente fundamental para a inserção do futuro professor na atividade docente, e nos diferentes campos de atuação profissional voltados para o processo de profissionalização. Neste texto, nosso olhar será direcionado para a formação do professor das séries iniciais do ensino fundamental.

Como professor de estágio, acompanho alunos do curso de pedagogia no processo de formação para a docência nas séries iniciais do ensino fundamental em escolas municipais de Goiânia – Goiás. Durante o desenvolvimento das atividades que ocorrem a partir do 5º período do curso de pedagogia denominado de estágio I e no 6º período estágio II, os alunos são orientados a compreenderem o estágio como um espaço de aprendizagem que tem por finalidade a formação para as práticas e atividades de ensino do futuro professor. Não apenas na prática docente, mas a inserção do aluno como futuro docente, no contexto da profissionalização, da pesquisa e da extensão.

Como espaço de formação o estágio acontece sob a orientação direta de professores da universidade tanto em sala de aula como no campo de estágio das séries iniciais da Educação Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos com objetivo de preparar os educandos para a participação/intervenção nos espaços educativos, do campo de realização do estágio, em colaboração direta com o professor regente da sala de aula.

¹ Pedagogo (PUC-GO), Mestre e Doutor em Educação (UFG), Professor Adjunto - Universidade Federal de Goiás – carlos.cardoso27@gmail.com

² Comunicação Oral apresentada ao V EDIPE.

O espaço da escola campo é um *lócus* de integração entre a escola – a comunidade escolar e a universidade, por meio de interação/permuta de saberes onde possibilita a tensão/integração de ações diretas da prática pedagógica, a saber: ensino, pesquisa e extensão. Esta integração é prevista no Parecer CNE/CP nº 09/2001 que reforça a importância da prática pedagógica integrada de teoria e prática indissociadas. Conforme o referido documento:

Nos cursos de formação de professores, a concepção dominante, [...] segmenta o curso em dois polos isolados entre si: um caracteriza o trabalho na sala de aula e o outro, caracteriza as atividades de estágio. O primeiro polo supervaloriza os conhecimentos teóricos, acadêmicos, desprezando as práticas como importante fonte de conteúdos da formação. Existe uma visão aplicacionista das teorias. O segundo polo, supervaloriza o fazer pedagógico, desprezando a dimensão teórica dos conhecimentos como instrumento de seleção e análise contextual das práticas. Neste caso, há uma visão ativista da prática. Assim, são ministrados cursos de teorias prescritivas e analíticas, deixando para os estágios o momento de colocar esses conhecimentos em prática.

O propósito deste texto é discutir a importância do estágio do como elo entre a teoria e a prática no processo de formação docente, evitando a concepção dominante que segmenta o trabalho em dois polos distintos para futuras aplicações no campo de atuação docente como se fosse possível uma visão aplicacionista da teoria e uma visão ativista da prática.

O Parecer é claro, ao fazer referência ao estágio, são necessárias as atividades de regência e o registro e sistematização da realidade escolar; mas, também, o estágio deverá envolver atividades de ensino, pesquisa ou extensão, por meio da elaboração e execução de projetos específicos, elaborados pelos educando em formação sob a orientação do professor da universidade, em acordo com a instituição campo de estágio.

A ideia a ser superada, enfim, é a de que o estágio é o espaço reservado à prática, enquanto, na sala de aula se dá conta da teoria. [...] Do mesmo modo que a concepção restrita da prática contribui para dissociá-la da teoria, a visão excessivamente acadêmica da pesquisa tende a ignorá-la como componente constitutivo tanto da teoria como da prática. Teorias são construídas sobre pesquisas. Certamente é necessário valorizar esta pesquisa sistemática que constitui o fundamento da construção teórica. Dessa forma a familiaridade com a teoria só pode se dar por meio do conhecimento das pesquisas que lhe dão sustentação. De modo semelhante, a atuação prática possui uma dimensão investigativa e constitui uma forma não de simples reprodução, mas de criação ou, pelo menos, de recriação do conhecimento. A participação na construção de um projeto pedagógico institucional, a elaboração de um programa de curso e de planos de aula envolvem pesquisa bibliográfica, seleção de material pedagógico etc. que implicam uma atividade investigativa que precisa ser valorizada (CNE/CP nº 09/2001).

Diante do exposto, é fundamental compreender que para realização do estágio é necessária à devida integração das ações teóricas e práticas, uma vez que, o estágio no campo da docência difere das demais áreas de estágios de outros campos de conhecimentos técnicos. O estágio de formação de professores exige parceria e atuação permanente da instituição

formadora (universidade) e da instituição formante (escola-campo), pois ambas são instituições responsáveis no processo de formação do futuro professor.

Espaços da Prática Pedagógica do Estágio

Na prática de estágio há espaços diversos a ser compreendidos com a finalidade de formação humana, profissional e crítica para além da visão aplicacionista e ativista dos conhecimentos teórico-práticos. Percebo que existe uma comunicação na prática pedagógica que nem sempre é vista ou valorizada pelos docentes formadores que em função de um distanciamento do campo teórico das disciplinas que são dadas exclusivamente em sala de aula e não percebem a ação do campo de estágio como importante na formação do futuro professores. Áreas do saber fundamentais para compreender a dimensão educativa, humana, social, política e de reflexão, como: Política Pública de Educação, Psicologia da Educação, Sociologia, Sociologia da Educação, Filosofia, Filosofia da Educação, entre outras, ficam centradas num discurso teórico, muitas vezes vazio de significados, pois não conseguem aproximar o ato de pensar e refletir com a inter-relação ao fazer. O que deixa os educandos cada vez mais com a falácia do “na teoria é uma coisa e na pratica é outra”; afirmação que perpassa o senso comum e que vejo em muitos momentos cristalizar na academia, uma vez que a maioria dos docentes considera o estágio a partir da concepção dominante de separação entre teoria e prática.

O que percebo constantemente é que os professores das demais áreas compreendem o estágio como espaço técnico e operacional, o momento do fazer o que aprendeu, ou seja, que o estágio não passa de técnica e método de ensinar a ser professor, às vezes consideram até como componente curricular menor. Neste aspecto, convido para um dialogo com a prática de estágio a partir dos seguintes elementos de comunicação da prática pedagógica: linguagem, tensão, espaço, protagonistas, fracassos, limites à ação pedagógica e possibilidades.

No campo de estágio a linguagem, a que me refiro, é linguagem como diálogo, espaço “dialógico” conforme Freire (1996) que possibilita condições para o exercício democrático da fala entre os sujeitos. Onde a fala, a participação dos envolvidos é um diálogo permanente e ao mesmo tempo uma observação como forma de captar a realidade que se pretende compreender: o cenário, o contexto, os sujeitos, suas ações e reações. Esta linguagem deverá estar preenchida de significados que a torne uma observação participante, onde professores, estagiários e alunos da escola-campo se interajam em uma prática

pedagógica para a autonomia e a emancipação dos sujeitos. De acordo com Limonta (2012, p. 10):

A observação participante permite uma visão globalizada da realidade escolar, pois um dos aspectos mais interessantes da observação participante é que a realidade observada é fonte de informação e de aprendizagem, dada a aproximação dos pesquisadores com o contexto e os sujeitos da pesquisa – por meio da observação participante o pesquisador integra-se ao seu objeto de pesquisa para além de estudá-lo, o que pode levá-lo a um maior conhecimento sobre este objeto.

No estágio, o momento da observação é constante, na mediação das relações vivenciadas no ato de ensinar e aprender, por isso, a linguagem expressa pelos aprendizes, pelos professores e alunos do campo de estágio vão além da verbalização, ocorre também, por meio da linguagem corporal, portanto, como afirma Valladares (2007, p. 154):

(...) a observação participante implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos. É preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar, assim como que perguntas fazer na hora certa e com o tempo os dados podem vir ao pesquisador sem que ele faça qualquer esforço para obtê-los. Para isso, desenvolver uma rotina de trabalho é fundamental. O pesquisador não deve recuar em face de um cotidiano que muitas vezes se mostra repetitivo e de dedicação intensa. Mediante notas e manutenção do diário de campo, o pesquisador se autodisciplina a observar e anotar sistematicamente. Sua presença constante contribui, por sua vez, para gerar confiança na população estudada.

O estágio é um momento de tensão entre a teoria e a prática. De um lado, existe uma pressão do sistema neoliberal exigindo e forçando a universidade a render-se ao mercado de trabalho, com projetos de formação rápida e muitas vezes aligeirada. Por outro lado, uma visão humanista com projetos de formação universitária pautada pela qualidade, para a formação humana crítica, para emancipação e para cidadania. Diante das contradições apresentadas há uma tensão presente no projeto de formação para a docência. Neste campo de tensão, ainda há outra questão que merece atenção e traz consequências diretas para execução do currículo é o que significa a docência, nem sempre é clara para os professores formadores, principalmente, nas áreas das licenciaturas e do bacharelado, exceção da pedagogia que é especificamente licenciatura e tem uma visão ampliada do campo da docência. Diante do exposto, o que significa a docência? Conforme Parecer (CNE/CP nº. 05/2005, p. 7) a docência é:

[...] compreendida como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da pedagogia. [...] Dessa forma, a docência, tanto em processos educativos escolares como não escolares, não se confunde com a utilização de métodos e técnicas pretensamente pedagógicos, descolados de realidades históricas específicas. Constitui-se na confluência de conhecimentos oriundos de diferentes tradições culturais e das ciências, bem como de valores, posturas e atitudes éticas, de manifestações estéticas, lúdicas, laborais.

Neste contexto, as contradições se apresentam de forma bastante acirrada, a concepção fragmentária, separatista do modelo dominante, os dilemas entre o mundo do trabalho e a formação cidadã que vive as instituições formadoras constitui um campo de tensão permanente para a prática pedagógica e que se faz presente no momento da prática de estágio de maneira mais acentuada. O que me leva a questionar que espaço é este do estágio?

Ao me referir ao espaço no estágio, abordo a partir da concepção de espaço no currículo, do espaço na pesquisa e do espaço na subjetividade dos aprendizes. Conforme Santos (sd. p. 02), “um dos objetivos centrais do Estágio Curricular é ser um espaço de construção de aprendizagens significativas no processo de formação dos professores”. Como espaço de aprendizagens o estágio proporciona a compreensão da realidade escolar vivenciada conforme Carvalho *apud* Santos (1985 s.p):

Sendo assim, não basta ir à escola-campo. É necessário, depois, que as observações e/ou participações realizadas pelos alunos sejam consideradas no currículo do curso de formação; dentro de um espaço/tempo, privilegiado para uma análise crítica e diálogo, na tentativa de interagir a realidade profissional com os elementos estudados no curso.

Outra dimensão importante do estágio é o espaço da pesquisa, da investigação no campo da educação. Educação como campo de práxis social, de acordo com Pimenta (2001, p. 93),

a educação é uma prática social. Mas a prática não fala por si mesma. Exige uma relação teórica com ela. A pedagogia, enquanto ciência (teoria), ao investigar a educação enquanto prática social, coloca os ‘ingredientes teóricos’ necessários ao conhecimento e à intervenção na educação (prática social).

Neste sentido, a pesquisa no estágio constitui é um pressuposto norteador para elaboração do conhecimento e articulação da relação teoria e prática superando as dicotomias e as ações fragmentárias do ato educativo. Também é fundamental ressaltar o espaço de subjetividade dos aprendizes no momento de articulação teórico-prático, isto é, quando o educando vai a campo. É preciso recuperar a aprendizagem dos conteúdos dos diversos campos teóricos visto, no sentido de dar novos significados associados ao momento do exercício no campo de estágio; momento este que está preenchido pelo desejo, medo, expectativa e subjetividade de cada participante em atuação. Rey (2008, p. 33 - 35) considera que:

[...] o sujeito que aprende implica integrar a subjetividade como aspecto importante desse processo, pois o sujeito aprende como sistema e não só como intelecto. O sentido subjetivo na forma em que temos desenvolvido essa categoria, representa um sistema simbólico-emocional em constante desenvolvimento, no qual cada um desses aspectos se evoca de forma recíproca, sem que um seja causa do outro, provocando constantes e imprevisíveis desdobramentos que levam a novas configurações de sentido subjetivo. [...] O sentido subjetivo não se contrapõe ao aspecto operacional da aprendizagem, senão que acrescenta

uma qualidade da aprendizagem que não tinha sido considerada como intrínseca ao aprender.

Na perspectiva do ensino e aprendizagem do estágio é fundamental o aprendizado dos sujeitos que são protagonistas da ação do fazer docentes ao qual serão inseridos como futuros docentes. Quem são estes protagonistas? Diante da desvalorização do profissional do magistério, os cursos de licenciaturas não têm atraídos alunos que queiram tornar-se professor; algumas exceções, a maioria dos alunos que cursa licenciaturas é oriunda de classe trabalhadora, de escolas públicas que por opção não faria licenciatura, porém diante das condições sociais e econômicas tornam-se alunos de licenciatura sem a devida convicção e certeza que fez uma escolha consciente. Por isso, é necessária a estes alunos uma formação político-pedagógica fundamentada a partir das suas reais condições partindo da sua condição e tornando-o sujeito do processo de ensino-aprendizagem.

Este processo ocorre conforme Freire (1996) aponta na Pedagogia da autonomia esclarecendo suas razões para analisar a prática pedagógica do professor em relação à autonomia de ser e de saber do educando. Ele ressalta o compromisso de respeito ao conhecimento que o aluno traz para a escola, visto ser ele um sujeito social e histórico, e da compreensão de que "formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas" (1996, p. 15). Defende essa atitude como ética e enfatiza a ideia de que o educador deve procurar essa ética, a qual denomina de "ética universal do ser humano" (1996, p. 16), essencial para o trabalho docente. Diante da realidade desses atores – futuros professores – que a universidade tem uma tarefa essencial a realizar em seu processo de formação, de acordo com Libâneo (2003, p. 297):

...decorre daí a necessidade de que os futuros professores reconheçam concretamente e compreendam as relações entre o espaço escolar, o sistema de ensino e o sistema social mais amplo. (...) Como responsáveis pela formação intelectual, afetiva e ética dos alunos, os professores necessitam ter consciência das determinações sociais e políticas, das relações de poder implícitas nas decisões administrativas e pedagógicas do sistema e como elas afetam as decisões e as ações levadas a efeito na escola e nas salas de aula.

Por isso, os professores das instituições formadoras (universidade e escola-campo) necessitam ter uma visão de totalidade do processo de formação e não apenas uma visão estreita da sua área de conhecimento, é necessária ter clareza das inter-relações que se estabelecem no processo educativo de forma interdisciplinar para apreensão do conhecimento e que o aluno em formação perceba e compreenda a constituição da escola como um *lócus* de múltiplos aspectos e de elementos diversos da sociedade interfere em sua rotina de trabalho. Desta forma, a dimensão do estágio é possibilitar condições para que o aluno estagiário aprenda que a escola se constitui em um espaço de construção e re-elaboração do

conhecimento permanentemente; nada está pronto, acabado é um constante processo de construção feito por sujeitos historicamente constituído e localizados naquele espaço.

Outro ponto de crítica ao estágio e que gera o fracasso dos alunos recém-formados em contato com a realidade escolar, também uma questão preocupante é o distanciamento entre o que é oferecido aos futuros educadores e o que acontece na sala de aula, a constante separação entre teoria e prática. Segundo Gatti (2010) para evitar erros e o fracasso docente dos futuros professores:

Um dos caminhos para alterar essa realidade é justamente o aprimoramento da qualidade dos programas de estágio. Essa é uma oportunidade essencial para unir teoria e prática, preenchendo essa pouca atenção dada à vida real pelos currículos das universidades, (...) os estudantes já deveriam ser "apresentados" à escola gradualmente desde sua entrada no curso de Pedagogia. Os alunos poderiam estudar as diversas modalidades de ensino analisando suas diferenças no primeiro ano. E isso poderia se desenvolver em etapas progressivas ao longo do curso. (...) para mudar esse quadro é preciso que novas propostas de estágio conversem com os currículos dos cursos, permitindo que a realidade da escola chegue aos universitários. A experiência de um bom estágio gera conhecimentos ricos em reflexões. Melhores estágios formam melhores professores.

Na afirmação de Gatti (2010) há caminhos para evitar práticas fragmentadas do estágio e modificar esta realidade tão presente nos cursos de formação de professores e isso acontecerá com o aprimoramento da qualidade dos programas de estágios, porém para modificar a realidade é necessário conhecer os limites impostos à ação pedagógica. Um dos limites está a não compreensão da práxis pedagógica, Vazquez afirma que práxis é atividade (...) teórica e prática que transforma a natureza e a sociedade; prática na medida em que a teoria, como guia da ação, orienta a atividade do homem; (...) teórica, na medida em que esta ação é consciente. (1968, p. 117). Portanto, é fundamental apreender a práxis pedagógica como uma ação de intencionalidade que exige uma relação direta da teoria/prática evitando o achismo.

Outros impedimentos que limitam as ações pedagógicas são: o desconhecimento do projeto político pedagógico da escola, as dificuldades de implementação do trabalho pedagógico numa perspectiva do coletivo, as políticas de gestão da educação voltadas para o mercado de trabalho que desvincula a formação em prol de uma profissionalização aligeirada. Porém, diante das limitações e impedimentos da prática pedagógica são possíveis alternativas viáveis e novas possibilidades de mudanças para uma nova prática pedagógica significativa, participante e coerente com a teoria e a prática.

No campo das possibilidades de mudanças da realidade fragmentada do estágio devemos ter a dimensão da complexidade da realidade social a que estamos inseridos e neste espaço de complexidade é fundamental a compreensão das contradições dos sujeitos

humanos e da diversidade de valores culturais, sociais, políticos, econômicos, entre outros. Neste processo é necessário compreender a possibilidade de uma escola que valorize a formação humana para a cidadania e para o mundo do trabalho. Também é fundamental que o curso de formação de professores e as políticas públicas de educação reconheçam o valor das licenciaturas como espaço de emancipação, de formação profissional, de valorização da carreira docente.

Neste processo, Oliveira-Formosinho (2005, p. 5 – 6) considera que é necessário entender que a prática educativa ou pedagógica é

[...] como componente autônoma da formação profissional, inicia-se nos primeiros anos e prolonga-se ao longo do curso, com a progressiva introdução ao mundo profissional da docência, da escola, e dos seus contextos envolventes. A prática pedagógica inicial é a prática pré-estágio. A prática pedagógica final é o estágio, ou seja, é a fase de prática docente acompanhada, orientada, refletida, que serve para proporcionar ao futuro professor uma prática de desempenho global em contexto real que permita desenvolver as competências e atitudes necessárias para um desempenho consciente, responsável e eficaz.

Assim, o estágio supervisionado é um espaço privilegiado da ação docente de formação da profissionalidade do futuro professor. É um espaço de tensão em que os protagonistas da prática pedagógica (estagiários, alunos, professor docente e professor orientador) se interagem na construção de uma ação educativa e formativa; pois este é o *locus* de compreensão da dimensão teoria/prática. É o momento onde “a afirmação do que é específico na ação docente, isto é, o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor” (SACRISTÁN, 1995, p. 65).

O Estágio na Faculdade de Educação/UFG

O Projeto de Estágio Supervisionado do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Goiás foi elaborado de acordo com o Decreto nº 87.497/82, que regulamenta a Lei nº 6.494/77; com as Diretrizes do Conselho Nacional de Educação (CNE) /Curso de Pedagogia; e com o Regulamento Geral de Cursos da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) da Universidade Federal de Goiás (UFG), pautado pelos princípios e objetivos da proposta de formação de professores do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FE) da UFG. De acordo com o projeto Política de Estágio (sd, p. 7):

O estágio não se constitui trabalho profissional, mas procedimento pedagógico-didático e pressupõe parceria estabelecida, por meio de instrumento jurídico, entre as instituições formadoras e de estágio, nos termos dos art. 3º e 5º do Decreto 87.497/82; será desenvolvido no 5º, 6º, 7º e 8º semestres letivos, portanto, a partir da segunda metade do curso de Pedagogia, com duração de 400 horas, como estabelece a resolução nº 01/2001,

CNP/CP e terá uma coordenação local, vinculada à coordenação geral de estágios da PROGAD, de acordo como Regulamento Geral dos Cursos da UFG.

A política de estágio do curso de Pedagogia da FE/UFG tem como princípio fundamental, no desenvolvimento do estágio, uma ação direta entre a teoria e a prática e se caracteriza também como espaço de estudo e pesquisa, conforme a Política de Estágio (sd. p. 7 – 8):

O estágio supervisionado será desenvolvido em estreita relação com a prática, entendida como componente curricular, nos termos posto pela Resolução nº 01/2002 – CNE/CP. Assim, prática e estágio supervisionado têm o mesmo objetivo geral: contribuir com a formação teórico-prática do licenciado, por meio do contato, durante o curso de licenciatura, com a futura realidade profissional. Contudo, a prática não se caracteriza como estágio supervisionado (Resolução nº 02/2002 – CNE/CP), mas como um espaço de estudo, pesquisa, reflexão, explicação e construção de conhecimentos da profissão docente, a partir de uma determinada realidade da educação, especificamente da educação infantil e do ensino fundamental. Ela deve ser articulada por núcleos de pesquisa, áreas de estudos ou áreas temáticas, vinculando-se ao projeto de curso, na sua totalidade.

O estágio supervisionado da FE/UFG tem como princípios norteadores para formação do futuro professor fundamentação teórico-prática articulada com a pesquisa e a extensão, bem como a formação dos professores da escola-campo com curso de *Prática de Ensino e Formação Continuada*. Nas escolas-campo de estágio a formação continuada ocorre da seguinte forma: no primeiro semestre iniciam as reuniões com a coordenação pedagógica das escolas para o planejamento de trabalho, reuniões com os professores para investigação das demandas temáticas e outras questões relativas à organização das atividades e convite para professores da Faculdade de Educação ministrarem oficinas, palestras, nas escolas-campo. No segundo semestre, desenvolve o curso de formação continuada com carga-horária de 40 horas em cada escola-campo. Na FE/UFG entende-se o estágio supervisionado como,

Componente curricular, de caráter teórico-prático, cuja especificidade proporciona o contato prolongado do futuro professor com o campo de estágio, acompanhado pela instituição formadora, objetivando o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades conexas à profissão docente. Requer o envolvimento dos licenciados e do professor coordenador, nos limites de uma situação de formação, com os problemas educativos da escola, centros de educação infantil e creches, aprendendo a identificá-los, problematizá-los e a construir alternativas de intervenção. Esse entendimento ressalta a especificidade e a importância do estágio supervisionado como um dos momentos propícios para maior compreensão da realidade profissional, à luz dos aportes teóricos estudados; momentos de se levantar questões para a reflexão da realidade, e de construção da autonomia profissional. O estágio supervisionado deve ser desenvolvido em escolas, centros de educação ou creches, preferencialmente públicas, que ofereçam educação infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, ou em outros espaços educacionais, mediante projetos especiais de intervenção, previamente aprovados pela coordenação de curso e de estágio. O desenvolvimento do estágio supervisionado deve proporcionar condições e espaços de discussão para que os alunos e profissionais do campo de estágio tenham a oportunidade de se beneficiar dos conhecimentos e da perspectiva formativa desenvolvida pela Faculdade de educação da Universidade Federal de Goiás (POLÍTICA DE ESTÁGIO – PEDAGOGIA – UFG, sd. p. 8 - 9).

A Política de Estágio Supervisionado de Pedagogia da FE/UFG (sd, p. 9)

tem como objetivos na educação infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental:

a) vivenciar processos de ensino e pesquisa na escola-campo/centro de educação infantil/creches, ou em outros espaços previamente aprovados, para que os alunos desenvolvam condições e convicções favoráveis á continuidade da sua formação; b) elaborar, desenvolver e avaliar projetos educativos, a partir do diagnóstico da realidade da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, construindo formas de atuação, com vistas á melhoria da educação de crianças, jovens e adultos; c) desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes relativas à profissão docente, considerando o contato direto com o campo de estágio e a formação teórica proporcionada pelo curso.

No processo de desenvolvimento do estágio supervisionado da FE/UFG a proposta metodológica visa à pesquisa como princípio educativo para proporcionar ao futuro professor condições e perceber, analisar e intervir na prática pedagógica de forma investigativa, contextualizada e articulada na ação teoria/prática. O Projeto Político Pedagógico da FE/UFG (2003, p. 11 – 12) ao referir à formação do futuro professor,

[...] reafirma a docência como a base da identidade do pedagogo e propõe-se a formar professores que compreendam as complexas relações entre a educação e a sociedade, pensem e realizem a existência humana, pessoal e coletiva, e o trabalho pedagógico com vistas à transformação da realidade social, à superação dos processos de exploração e dominação, à construção da igualdade, da democracia, da ética e da solidariedade.

A formação no curso de Pedagogia é concebida como processo de inserção *crítica* dos licenciandos no universo da cultura, do pensamento, da crítica, da autonomia, da liberdade, da justiça, da democracia e da solidariedade. Em vez da acumulação de conhecimentos, de informações e de novidades nas várias áreas do saber, do aprender a fazer e do aprender a aprender, o que se busca é a formação crítica, rigorosa e radical, o aprendizado do trabalho com os conceitos e as articulações da teoria e da prática, indispensáveis à verdadeira autonomia e à criação em todas as dimensões da existência e da educação, inclusive no plano da escola, do ensino.

O currículo pressupõe, pois, uma abertura às diferentes áreas do saber, aos diferentes conceitos, epistemologias e métodos e uma lúcida articulação entre a teoria e a prática, realidades distintas e ao mesmo tempo indissociáveis. A teoria é então concebida como reflexão crítica, “pensamento da prática, compreensão de seu sentido e gênese socialmente produzidos, trabalho do pensamento que busca captar o trabalho mesmo de produção do real como história” e a prática como “a negação do dado, um momento do trabalho de produção social (...) Se a realidade não é completamente transparente e se a prática é incapaz de compreender a si mesma, ela necessariamente exige a elaboração teórica, sendo o novo a ser pensado pela teoria.”

No campo do estágio supervisionado a proposta metodológica como foi mencionada, assegura que:

Quanto à metodologia, propõe-se a utilização da pesquisa como princípio educativo, visando o desenvolvimento de atitude investigativa por parte dos alunos e, assim, propiciar-lhes melhor compreensão da realidade da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental e a construção de novas formas de atuação na educação de crianças, jovens e adultos. O estágio será realizado do 5º ao 8º período do curso de Pedagogia, contemplando de maneira interligada as seguintes etapas: a) Coleta de dados da realidade do campo de estágio, diagnosticando-a em seus aspectos socioeconômico, estrutura física e material, recursos conceituais e organização e funcionamento administrativo-pedagógico, objetivando a descrição e análise do cotidiano para orientar a escolha da temática a ser

desenvolvida no projeto educativo. Para tanto, deverão ser utilizados instrumentos de pesquisa tais como: observação, entrevista, análise documental e questionários; b) Elaboração do projeto educativo a partir da problematização das situações vividas e analisadas. A elaboração deste projeto implica preparação teórica, em especial a respeito de conhecimentos básicos da pesquisa, com o objetivo do desenvolvimento de atitude investigativa por parte do aluno. Este processo de elaboração de projeto, portanto, constitui-se num exercício de diálogo crítico que o aluno (futuro professor) deve aprender a desenvolver em relação à realidade da profissão; c) Desenvolvimento do projeto educativo no campo de estágio, envolvendo os aspectos postos acima; d) Relatório final do estágio que contemple o processo desenvolvido no estágio, com destaque para a sistematização e análise dos resultados do projeto educativo desenvolvido e suas contribuições para a construção individual e coletiva da profissão docente (POLÍTICA DE ESTÁGIO – PEDAGOGIA/UFG, sd, p. 9 - 10).

Diante do exposto da Política de Estágio supervisionado do Curso de Pedagogia da FE/UFG de forma teórica é importante destacar o como fazer na prática. Todo o processo de desenvolvimento do estágio do 5º ao 8º período ocorre com aulas em sala de aula na Faculdade de Educação e encontros semanais nas escolas-campo de estágio. A partir das seguintes etapas de trabalho: 1) Apreensão da realidade do campo; 2) Elaboração do projeto de ensino-aprendizagem (projeto educativo); 3) Desenvolvimento e avaliação do projeto ensino-aprendizagem (projeto educativo). As ações são desenvolvidas visando à integração do trabalho numa permanente reflexão – ação – reflexão, teoria e prática com objetivo de vivenciar os aspectos profissionais da realidade escolar.

Para subsidiar o estágio nas escolas-campo as funções são definidas da seguinte ordem: Professor do Curso, Professor do Campo e Supervisor de Estágio, conforme Barra³ (2012, p. 3 - 4), de acordo com o quadro abaixo:

1) apreensão da realidade do campo	
Professor do Curso	Encaminhamentos formais do estágio: Contato com o campo, Termo de Compromisso, Plano de Trabalho, exposição do projeto de estágio ao campo. Preparação dos alunos para ida ao campo por meio de leituras, debate a partir da participação em mesas e relatos de experiência. Orientações sobre os procedimentos de observação, registros realização de entrevistas e estudo documental. Acompanhamento do processo e reflexão acerca do mesmo.
Professor do Campo	Conhecer a proposta de estágio do Curso de Pedagogia, reconhecer e discutir o papel do professor do campo de estágio. Receber o estagiário e apresentá-lo aos alunos. Contribuir, na medida do possível, para que o momento da observação das aulas seja espaço também para o diálogo com o estagiário e contribuir para a aproximação deste com o universo da sala de aula, de sua dinâmica pedagógica, das especificidades da turma (aproveitamento, comportamento), livros didáticos utilizados, recursos materiais adotados nas aulas, planejamento de aulas, projetos, avaliação, etc.

³ Quadro elaborado pela Professora Dr^a Valdeniza Maria da Barra (Professora de Estágio Supervisionado/adjunta da FE/UFG – Ex- Coordenadora de Estágio da FE/UFG).

Supervisor de Estágio	Representação das questões referentes ao estágio no campo: ciência e assinatura de Termos e Planos de trabalho. Receber estagiários e apresentar instituição e pessoal. Coordenar as reuniões entre estagiários e professores do campo e professor do curso; disponibilizar documentos (PPP, Listas de alunos, programas, calendário, horário de aulas e outros que se fizerem necessários à formação do estagiário); conceder e mediar entrevistas entre outros funcionários da escola.
2) Elaboração do projeto de ensino-aprendizagem	
Professor do Curso	Orientar o aluno na redação do projeto de ensino-aprendizagem, contribuindo para que o mesmo produza a articulação teoria e prática, efetuando a leitura crítica e consistente dos dados obtidos por meio da reflexão, do estudo documental, das entrevistas e da(s) observação (ões) das (de) aula(s). O projeto de ensino-aprendizagem se constitui de três partes: 1) descrição da escola, 2) apresentação da prática pedagógica observada em sala de aula e 3) construção da proposta didático-pedagógica que guiará o conjunto das regências teoricamente fundamentadas pelo estagiário.
Supervisor de Estágio	Participar e contribuir com a elaboração e reflexão do projeto de ensino-aprendizagem, junto aos estagiários e professores do campo e do curso.
Professor do Campo	Participar e contribuir com a elaboração do projeto de ensino e aprendizagem no tocante à seleção dos conteúdos de ensino que o comporão. Conhecer (e comentar o) os elementos fundantes do projeto de ensino aprendizagem e contribuir com a reflexão junto aos estagiários, demais professores do campo e do curso.
3) Desenvolvimento e avaliação do projeto de ensino-aprendizagem	
Professor do Curso	Coordenar e avaliar o desenvolvimento do projeto de estágio (na FE e no campo de estágio) segundo os parâmetros da política de estágio da FE/UFG (aulas práticas na FE e no campo). Orientar o planejamento do projeto de ensino-aprendizagem (das aulas), tendo em vista a coerência teórica e metodologia prevista no projeto (de ensino-aprendizagem) de estágio. Ler, comentar, refletir e fazer a devolutiva aos alunos estagiários (de) dos planos e relatórios de aulas (regências). Acompanhar o trabalho de produção e de regência realizado na escola campo pelos estagiários, contando com a participação dos supervisores e professores do campo.
Supervisor de Estágio	Participar e contribuir com o desenvolvimento do projeto. Participar dos processos de reflexão teórico-prática e de avaliação das aulas dos estagiários e mediá-los juntos aos professores do campo.
Professor do Campo	Participar e contribuir com o desenvolvimento do projeto de ensino-aprendizagem e de seus respectivos planos de aula junto aos estagiários e professores do curso, bem como (dos estagiários e) avaliar (suas) aulas, em conformidade com os mesmos e demais requisitos previamente discutidos.

No Estágio Supervisionado da Faculdade de Educação/UFG, após a conclusão do projeto de ensino-aprendizagem, e as regências realiza-se a avaliação final do estágio nas escolas-campo com todos os participantes (estagiários, professores, professor do curso). Todas as atividades, realizadas durante o estágio encerra-se com um Seminário de Estágio, realizado na Faculdade de Educação. Conforme Barra (2012, p. 3),

todos são orientados a transformar a experiência do estágio em base para estudo e produção reflexivo-acadêmica (relato de experiência do processo de estudo-intervenção e apresentação de artigos relativos ao estágio) no Seminário de Estágio, evento anual realizado pelos professores de Estágio do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFG.

O Seminário de Estágio realizado no final do ano é um momento de articulação teórico-prático fundamental para a compreensão dos estagiários do processo de trabalho docente desenvolvidos em todos os campos de estágios da creche, a educação infantil

e anos iniciais do ensino fundamental. É um espaço onde alunos, professores da Faculdade de Educação, professores da escola-campo, professores convidados e comunidade escolar participam, vivenciam e compartilham experiências sobre a prática docente por meio de palestras, relatos de experiências, apresentação de pôsteres e artigos científicos. Barra (2012, p. 3) corrobora afirmando que,

Com base no trabalho colaborativo de formação acima exposto, a UFG/PROGRAD reconhece o papel desempenhado pelo professor do curso de Pedagogia. Como contrapartida, a UFG/PROGRAD, concede aos profissionais parceiros um certificado onde são descritas as atividades realizadas, a carga horária destinada às mesmas e ao aproveitamento. Este último se constitui como produto de dois instrumentos, o primeiro é a auto-avaliação do professor de acampo, considerando as diferentes atribuições a ele conferidas. O segundo resulta da avaliação promovida por professor do curso e do supervisor de estágio, tendo como base as atribuições apresentadas.

Neste processo de trabalho colaborativo/coletivo realizado pela equipe de estágio da Faculdade de Educação e as escolas campo tem nos apresentado resultados positivos para construção da prática pedagógica. Conforme Gamboa (2003, p. 125)

Nesse sentido não é possível conceber a teoria separada da prática. É a relação com a prática que inaugura a existência de uma teoria; não pode existir uma teoria solta. Ela existe como teoria de uma prática. A prática existe, logicamente, como a prática de uma dada teoria. É a própria relação entre elas que possibilita sua existência.

O valor fundamental da teoria e da prática educacional está associado à existência de condições para os docentes e discentes apreenderem a escola como um espaço público. Assim, contribuir para o desvelamento da realidade escolar, evidenciando as reais possibilidades e limites para a formação e atuação do professor na escola. Compete a nós, professores e pesquisadores, resgatarmos o caráter crítico ontológico da prática do estágio na produção do conhecimento sobre a realidade escolar e a formação de professores.

Referências

BARRA, Valdeniza Maria da. **Estagio em Anos iniciais do Ensino Fundamental I e II**. Texto Digitado, 2012.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFG. **Projeto Político-Pedagógico do curso de Pedagogia**. Goiânia, Dez., 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAMBOA, S. S. A contribuição da pesquisa na formação docente. In: REALY, A. M.M. R.; MIZUKAMI, M. G. **Formação de professores: tendências atuais**. São Carlos: EDUFSCAR, 2003, p. 116-130.

GATTI, Bernadete. **Estágio: uma oportunidade de aprender na prática**. Revista Nova Escola ed. 223 – Jun/Jul, 2010.

LIBÂNEO, J. C. *et al.* **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. **O desenvolvimento profissional das educadoras de infância: entre os saberes e os afectos, entre a sala e o mundo**. In: MACHADO, M. L. A. (Org.). **Encontros e desencontros em Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2005.

SACRISTÁN, J. G. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org.) **Profissão Professor**. 2^a ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1995.

SANTOS, Helena Maria dos. **O Estágio Curricular na Formação de Professores: Diversos olhares – Univap: GT: Formação de Professores / n.08 Agência Financiadora: CAPES**.

VALLADARES, Licia. **Os dez mandamentos da observação participante**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. [online]. 2007, vol. 22, n. 63, p. 153-155.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.